

FAMÍLIAS MENORES



Natalidade estabiliza em dez anos e muda perfil de famílias em Bauru

Número de nascimentos por ano oscilou de 4,3 mil a 5 mil na última década, na cidade; mudança no perfil demográfico é registrada em todo o País

TISA MORAES

Casados há quatro anos, o jornalista Rafael Rodrigues da Silva, 30 anos, e a escriturária Letícia Duarte da Silva, 26 anos, tomaram uma decisão importante na vida conjugal: não terão filhos. A falta de tempo e de recursos financeiros suficientes para cuidar de uma criança como gostariam pesou na hora de analisar prós e contras e, hoje, a ausência de um pequeno correndo dentro de casa é algo que não gera qualquer tipo de aflição.

Rafael e Letícia são o retrato de uma nova configuração familiar no País, em que casais decidem ter cada vez menos filhos - ou, às vezes, até mesmo nenhum. É o que demonstram as mais recentes Estatísticas do Registro Civil, divulgadas

pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo o estudo, o número de nascimentos por ano oscilou de 4,3 mil a 5 mil entre 2006 e 2016 em Bauru, com pequenas variações para mais ou para menos. No ano passado, foram registrados 4.766 novos bebês na cidade, 5,7% a menos do que em 2015, correspondendo à primeira queda desde 2009. A estagnação ao longo da última década é a consolidação de uma das modificações estruturais mais importantes no perfil demográfico brasileiro, também verificada no município. Trata-se de uma transformação, historicamente, ainda muito recente, já que, há 50 anos, as mulheres tinham o triplo de filhos do que têm hoje (veja quadro abaixo).

Iniciadas, de forma tímida, a partir dos anos 1940, essas



Pasquarelli: transformação também veio com a urbanização

mudanças se acentuaram após a década de 1960, com declínio expressivo nos níveis de fecundidade, redução na taxa de crescimento populacional e alterações na pirâmide etária, resultando no incremento mais lento do número de crianças e adolescentes paralelamente ao aumento contínuo da população em idade ativa e de idosos.

“Foi uma mudança iniciada com a aceleração do processo

de urbanização, já que o trabalho no campo demandava mão de obra dos membros de uma família grande. Com a industrialização, esta realidade mudou”, pontua Bruno Pasquarelli, professor doutor em sociologia na Universidade do Sagrado Coração (USC).

SAÚDE E EDUCAÇÃO

A partir de então, a melhoria das condições sanitárias, o

surgimento da pílula anticoncepcional e o maior acesso à saúde garantido pela Constituição Federal de 1988, que proporcionou a criação de leis específicas, como a que trata do planejamento familiar, contribuíram para intensificar a redução do número de filhos por mulher - a chamada taxa de fecundidade. “Houve, também, um maior acesso à educação formal. Com tudo isso, a noção de quais são as necessidades básicas de consumo para criar bem um filho foram mudando ao longo do tempo. Hoje, é um projeto caro para boa parte das famílias”, observa.

Em um cenário em que os movimentos sociais ganharam destaque, o tempo disponível para se dedicar às crianças também começou a pesar, já que as mulheres in-

gressaram no mercado de trabalho, almejando realização e crescimento profissional. “Ao se verem diante de novas prioridades, elas passaram a retardar a primeira gravidez e a ter cada vez menos filhos”, completa.

Números

Ano	Nascimentos*
2006	4.494
2007	4.434
2008	4.470
2009	4.302
2010	4.440
2011	4.690
2012	4.774
2013	4.847
2014	4.933
2015	5.053
2016	4.766

Fonte: IBGE / * Em Bauru

Queda acentuada em 2016

Na última década, a queda da taxa de fecundidade em Bauru foi mais acentuada em 2016, acompanhando um fenômeno de âmbito nacional. Segundo o IBGE, analistas de demografia afirmam que a redução pode estar associada à crise econômica do País, com a consequente elevação dos níveis de desemprego, e ao zika vírus, doença cujos primeiros casos foram registrados em abril de 2015.

Em 2016, o Brasil registrou 2.793.935 nascimentos, queda de 5,1% na comparação com 2015. Em Bauru, o índice foi de 5,7%. No estado de Pernambuco, por exemplo, onde o zika alcançou índices epidêmicos, a queda de nascimentos foi ainda mais acentuada, na ordem de 11%. “No território nacional, foram 150 mil nascimentos a menos, o que corresponde a uma população maior do que a maioria dos municípios brasileiros. Foi uma retração superior ao esperado, cujo índice fica em torno de 1% a 2% de um ano para outro, o que nos leva a crer que muitos casais adiaram os planos de ter filhos pelo temor ou incerteza diante destes dois fatores”, explica Klízia Oliveira, gerente do registro civil do IBGE.

TAXA DE FECUNDIDADE NO BRASIL

